

Correção de textos: descrição de uma proposta aplicada na formação inicial de professores de Língua Portuguesa

Text correction: description of a proposal applied in the initial training of portuguese language teachers

 Renilson Nóbrega Gomes

 Williany Miranda da Silva

Resumo: Este artigo descreve uma proposta para a correção de textos utilizada na formação inicial de professores de Língua Portuguesa, objetivando refletir sobre tal ação pedagógica a partir do tratamento dado em uma atividade aplicada para acadêmicos do curso de Letras-Português em uma universidade pública, situada no interior do Estado da Paraíba. Para isso, procura elucidar no desejo de responder à seguinte pergunta de pesquisa: o que as instruções de ensino e aprendizagem apontam para a prática de correção de textos escolares na formação inicial de professores de Língua Portuguesa? A fundamentação teórica foca nas considerações teóricas sobre produção e correção de textos (Geraldí, 1984; Reinado, 2001; Serafini, 2003;

Renilson Nóbrega Gomes. Doutor em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande. Professor de Língua Portuguesa da Rede de Ensino do município de Tenório-PB, bem como da Rede de Ensino do Estado da Paraíba. E-mail: renilson.gomes1@professor.pb.gov.br.

Williany Miranda da Silva. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Pernambuco. Professora Titular da Unidade Acadêmica de Letras e membro do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE) da Universidade Federal, na área de Estudos Linguísticos. E-mail: williany.miranda@professor.ufcg.edu.br.

Arcoverde, 2007). A metodologia de pesquisa foi construída a partir de um *corpus* composto pelas técnicas de ensino e conhecimentos do gênero dissertativo-argumentativo derivados de orientações didáticas repassadas na videoaula “Como corrigir sua própria redação”. Os resultados apontam encaminhamentos para as etapas de revisão e reelaboração de um texto, entre esses, propõe-se que o aluno digite e submeta-o a um aplicativo a fim de se identificar problemas de ordem gramatical. Em razão disso, ressalta-se a importância da apresentação de um plano de correção, objetivando a expressão dos conhecimentos que serão observados no processo de avaliação de uma produção textual.

Palavras-chave: Formação inicial de professores. Correção de textos. Videoaula.

Abstract: This article describes a proposal for text correction used in the initial training of Portuguese Language teachers, aiming to reflect on such pedagogical action based on the treatment given in an activity applied to academics on the Portuguese Literature course at a public university, located in interior of the State of Paraíba. To this end, it seeks to elucidate the desire to answer the following research question: what do teaching and learning instructions point to the practice of correcting school texts in the initial training of Portuguese language teachers? The theoretical foundation focuses on theoretical considerations about text production and correction (Geraldini, 1984; Reinado, 2001; Serafini, 2003; Arcoverde; Arcoverde, 2007). The research methodology was constructed from a corpus composed of teaching techniques and knowledge of the dissertation-argumentative genre derived from didactic guidelines given in the video lesson “How to correct your own essay”. The results point to directions for the stages of reviewing and re-elaborating a text, among which it is proposed that the student types and submits it to an application in order to identify grammatical problems. Because of this, we emphasize the importance of presenting a correction plan, aiming to express the knowledge that will be observed in the process of evaluating a textual production.

Keywords: Initial teacher training. Text correction. Video lessons.

Para início de conversa

Este artigo expõe considerações sobre a correção de textos, pondo em destaque uma atividade aplicada em uma universidade pública no Estado da Paraíba, especificamente, na disciplina de Leitura e Escrita: Teorias sociointeracionistas, para acadêmicos do curso de Letras-Português. Com essa finalidade, volta-se para a descrição de uma das três propostas discutidas – videoaula *Como corrigir sua própria redação* disponibilizada no *Youtube*, cujo acesso se dá por meio do link <https://www.youtube.com/watch?v=lUp643PWii0>. Para este estudo, levando em consideração as orientações repassadas pelo referido recurso para a revisão e reescrita de textos, atenta-se para as associadas às práticas de análise linguística, com ênfase nos conhecimentos gramaticais de ortografia, pontuação e concordância avaliados na Competência 1 da redação do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio).

Na Educação Básica, precisamente, nos anos finais do ensino fundamental e nas três séries que compõem o ensino médio, tem-se experimentado na condição de professor que a autocorreção de textos não se configura como realidade. Nessa lógica, presencia-se com timidez um ou outro aluno preocupado com a sua produção, uma vez que ao professor cabe ainda o papel de corrigir e classificá-la como boa e finalizada.

A revisão com foco no refazimento do texto é pouco ou quase nunca efetivada pelo estudante. Entre o rascunho e a versão entregue ao docente, são notórios problemas não revisados; a atenção se volta para a formatação e a expressão de ideias, de modo que outros componentes que constituem um texto deixam de ser atendidos – leitura e desenvolvimento da proposta de texto, realização do gênero de texto proposto, conhecimentos linguísticos (Abaurre; Abaurre, 2012).

Nessa conjuntura, Serafini (2003) salienta que a revisão deve ser assumida e realizada pelo próprio autor. Todavia, a estudiosa não dispensa a relevância de o aluno contar com comentários e contribuições de outros, o que leva a ressaltar a participação de seus pares, colegas de sala de aula, na leitura e observações de suas produções. Assim, pensa-se em um projeto didático que lhe aponte caminhos com a finalidade de percorrê-los durante os momentos da fase processual de escrita em abordagem, o que se reconhece, aqui, a relevância do papel docente – o que servirá indubitavelmente não apenas ao tempo escolar, mas também após este.

Nesse sentido, entende-se a revisão como um estágio em que o escritor observa se cumpriu ou não com os princípios relacionados ao conteúdo e à forma de suas produções (Serafini, 2003). Para esse fim, o aluno precisa ser orientado, além de experimentar vivências, em contexto de sala de aula, compenetrado em efetivar intervenções em seus textos, objetivando as melhorias necessárias e aguardadas. Sendo assim, essas mudanças podem atingir palavras, frases ou parágrafos e ocorrem por cortes, inclusões, inversões ou deslocamentos de informações de um lugar para outro, no texto.

O estudo coloca em discussão encaminhamentos didáticos empreendidos na formação docente na perspectiva de romper com o pensamento de que a prática de revisão é de competência única do professor, objetivando, desse modo, a melhoria dos textos que são elaborados pelos estudantes. Em vista disso, ao se discutir no que concerne às orientações para correção de textos em contexto escolar, detém-se a um objeto de conhecimento que dá respaldo para a reflexão com atenção em alternativas para a formação de professores que atuam no campo da linguagem (Moita Lopes, 2006).

Em consequência, pretende-se responder à seguinte pergunta: *o que as instruções de ensino e aprendizagem apontam para a prática de correção de textos escolares na formação inicial de professores de Língua Portuguesa?* Nessa senda, para tornar claro e compreensível o questionamento, desenham-se os objetivos de pesquisa: o geral buscou refletir sobre a correção de textos a partir do tratamento dado em uma atividade aplicada na formação inicial de professores; enquanto isso, o específico pretendeu descrever procedimentos repassados em uma videoaula com foco na revisão e reelaboração de texto.

O artigo está organizado em cinco partes, contando estas considerações iniciais como a primeira; na segunda, apresentam-se os pressupostos teóricos que fundamentaram a realização do presente estudo; na terceira, trata-se dos apontamentos metodológicos da pesquisa; na quarta, descreve-se uma proposta de correção de texto extraída de uma videoaula; e na quinta e última, apontam-se as considerações finais, seguidas das referências bibliográficas.

Em síntese, a videoaula apresenta encaminhamentos a fim de auxiliar o aluno no estágio de leitura, atenção para o que escreveu, bem como para o que precisa ser melhorado na redação final do texto pertencente ao gênero dissertativo-argumentativo – a tradicional redação que se exercita na escola com atenção para o Enem. Nesse sentido, dentre o conteúdo apresentado, repassa orientações inerentes à prática de análise linguística, propondo que o aluno digite seu texto e submeta a um aplicativo a fim de se identificar problemas de ordem gramatical. Isso leva-nos a ressaltar a importância de se apresentar um plano de correção para o aluno, objetando que ele elabore e expresse os conhecimentos que serão observados no processo de avaliação de seu texto.

Considerações sobre a prática de produção e correção de texto em contexto escolar

Para Geraldi (1984), quando se questiona como corrigir redações, tem-se em mente o exercício-simulado da produção de textos, discursos, conversações: a redação. Isto porque na escola não se produzem textos em que o sujeito diz sua palavra, mas simula-se o uso da modalidade escrita, para que o aluno se exercite no uso da escrita, organizando-se para de fato usá-la no futuro. É a velha história da preparação para a vida, encarando-se o hoje como não-vida.

Para o teórico, “nas produções de texto escolar, são negadas à língua algumas de suas características básicas de emprego, a saber: a sua funcionalidade, a subjetividade de seus locutores e interlocutores e o seu papel mediador de relação homem-mundo” (Geraldi, 1984, p. 122). Sendo assim, a prática de escrita, que se baseia nesse modelo, torna-se uma atividade em que se verifica o que foi solicitado como cumprimento de uma espécie de texto; continuação de uma história e conhecimentos próprios da língua, a exemplo dos ortográficos e gramaticais; em suma, é uma atividade escolar.

Reinaldo (2001) observou que os manuais didáticos destinados ao ensino e à aprendizagem em Língua Portuguesa, apesar de não expressarem com precisão como o aluno deverá proceder na revisão de seus textos, começaram a ressaltar a importância de que o ato de escrever envolve também a etapa em questão, quase sempre confiada ao professor. Desse modo, o aluno passa a ser conduzido, portanto, a concluir o ciclo processual da escrita formado por etapas denominadas de planejamento, produção textual, revisão e reelaboração.

De acordo com Serafini (2003, p. 81)

A revisão é normalmente desenvolvida pelo próprio autor do texto; todavia, os comentários e críticas dos outros podem ser muito mais eficazes que os próprios. Para isso pode ser muito útil envolver os companheiros na revisão das redações. Quando a revisão é desenvolvida pelo autor, ela será melhor quanto maior for o intervalo de tempo passado entre a composição e a revisão.

Em prosseguimento, Serafini (2003, p. 107) declara que “a correção de um texto é um conjunto de intervenções que o professor faz para apontar defeitos e erros”. Por esse motivo, acrescenta a autora: “corrigir uma redação é uma operação complexa que traz problemas certamente maiores que os da correção de um exercício de matemática ou de versão de uma língua estrangeira”.

Com esse enfoque, a estudiosa cita princípios que deverão fundamentar a ação em discussão, sucedida por uma classificação. Ela postula também a relevância de esse ato não ser ambíguo. Logo, os problemas diagnosticados na avaliação de um texto devem ser reagrupados e catalogados; o aluno deverá capacitar-se a refletir sobre as inadequações e atuar com base nessas, reelaborando seu texto; corrigir poucos problemas; aceitar o texto do aluno e efetivar uma correção adequada à sua capacidade.

De acordo com Serafini (2003), a correção pode ser classificada como indicativa, resolutive e classificatória. A primeira *correção indicativa* é definida como a correção em que o professor marca junto as palavras, frases e períodos inteiros que apresentam inadequações ou são poucos claros. Nesse tipo de correção, ele destaca os problemas como ortográfico e lexical. A segunda *correção resolutive* corrige o texto, reescrevendo palavras, frases e períodos inteiros, oferecendo ao

aluno um texto correto. A terceira *correção classificatória* classifica, por meio de códigos, os problemas que o aluno expressou no texto, propondo que ele os revise ao reescrevê-lo.

Além dos três tipos de correção discutidos, Ruiz (2010) acrescenta a correção textual-interativa. Nesse modelo, o aluno recebe orientações do professor com a finalidade de ajudá-lo a compreender os problemas identificados no seu texto, considerando os pontos elencados que deverão ser melhorados e os procedimentos a serem efetivados na reelaboração de sua produção textual.

Nessa senda, Arcoverde e Arcoverde (2007) salienta que quem escreve deve ter clareza sobre seus objetivos, audiência e necessidade de interagir com seu destinatário para que ele construa significados. Para isso, aguarda-se que o texto seja produzido imerso numa situação social de produção definida. Logo, a revisão é apontada com a finalidade do escritor redirecionar as suas ideias, efetivando mudanças que reordenam o todo ou atingem segmentos do discurso.

As estudiosas sublinham ainda que a revisão de um texto cumpre o papel de oportunizar quem escreve a substituir termos por outros que se adequem melhor ao seu contexto de produção. Também permite que apague-os com o propósito de retirá-los do texto para melhorar o sentido dos enunciados. Pode-se ainda deslocá-los que por alguma razão não devem estar naquele local e, finalmente, realizar acréscimos para ampliar as ideias já apresentadas, dando maior consistência ao que se quer enunciar.

Na perspectiva de que o aluno assuma e realize a revisão de seus textos, torna-se fundamental que o professor instrumentalize-o dos saberes e procedimentos necessários para que possa trabalhar o seu texto pós-produção. Somente assim, ele terá condições de eliminar trechos e acrescentar outros ou, até mesmo, rever um aspecto gramati-

cal ou linguístico que deverá ser alterado e deixado nos moldes da gramática normativa (Arcoverde; Arcoverde, 2007). O tipo de correção textual-interativa (Ruiz, 2010), como discutiu-se, apresenta-se como ideal para que o aluno compreenda os problemas identificados no seu texto, levando em conta os pontos elencados que deverão ser melhorados e os procedimentos a serem efetivados no ato da refacção de sua produção textual.

A prática de produção de textos escritos traz consigo o desafio de como analisar, de modo objetivo, o desempenho dos alunos (Abaurre; Abaurre, 2012). Portanto, a correção de textos deve orientá-los sobre o que fazer para melhorar a sua produção escrita em função das características associadas à situação de produção, salientam as pesquisadoras, quais sejam: finalidade, perfil do leitor, contexto de circulação, estrutura do gênero discursivo, grau de formalidade da linguagem.

Vale destacar que o processo de correção parte do professor, mas deve servir de orientação para o aluno saber como refazer o seu texto. Assim, espera-se que ele receba instruções, além de encaminhamentos para que possa cumprir com a finalidade posta. Logo, se na primeira versão aquelas não foram sistematizadas, na segunda versão poderão não ser também, tendo em vista que os direcionamentos docentes apontados demonstraram não ter ficado claros para que possa atender às orientações lhes evidenciadas.

A avaliação de textos costuma ser vista como um procedimento subjetivo em que o olhar do professor para o texto é influenciado por fatores como a imagem que faz de um determinado aluno, maior (ou menor) interesse por um determinado tema, afinidade (ou não) com um ponto de vista definido, posicionamento ideológico, entre outros (Abaurre; Abaurre, 2012). Outro aspecto que merece reflexão é a importância atribuída a questões de natureza estritamente gramatical, o

que leva a ser considerado um 'bom' texto o que atende aos preceitos da gramática normativa seguidos à risca, trazendo em evidência o entendimento de que esse não pode ser o único parâmetro para definir a qualidade de um texto.

Em consequência, se antes o professor recorria à subjetividade para avaliar o texto do aluno, para Abaurre e Abaurre (2012), a sua atenção se voltará para critérios que a produção textual deverá apresentar como conhecimentos não eleitos na avaliação que antecedia a que sugerem. Sobre os critérios de correção de um texto, as autoras dizem que:

essa é outra característica muito importante, e benéfica, da adoção de critérios de correção: os alunos sabem, previamente, como seus textos serão corrigidos. Assim, todos os envolvidos no processo de produção e avaliação dos textos (professor e alunos) poderão dispor de um conjunto de parâmetros comuns referentes ao uso da língua, à estrutura do texto e a articulação das ideias -, com o qual trabalharão durante às aulas (Abaurre; Abaurre, 2012, p. 46-47).

Em consideração à mensagem exposta, acrescenta-se que os critérios de correção propostos por Abaurre e Abaurre (2012) dividem-se em dois grupos: o 1º *Conteúdo* reporta-se para os aspectos a serem analisados nas produções de texto que deverão ser a leitura e desenvolvimento da proposta e o uso da coletânea de textos apresentada como motivação para a efetivação da produção textual. O 2º *Forma* discorre acerca do que o professor avaliará, objetivando identificar se o aluno expressou no seu texto o gênero discursivo pedido, aspectos gramaticais, coesão e coerência. O não cumprimento da proposta, além do não emprego dos textos motivadores e a não escrita do gênero textual solicitado são critérios que favorecem o aluno a obter como nota um zero. Quanto aos demais, a pontuação será balizada a partir do peso atribuído nos critérios expressados na grade de correção.

A grade de correção diz respeito à descrição de algumas características gerais observáveis com relação a cada um dos critérios estabelecidos a um conjunto de pontos ou a diferentes notas (Abaurre; Abaurre, 2012). O professor terá o apoio de alguns parâmetros bem definidos, o que facilita a avaliação objetiva do texto, principalmente, quando ler um texto e se perguntar sobre como o aluno se saiu ao desenvolver a tarefa proposta. Logo, a grade de correção se faz necessária, considerando o que aponta para o avaliador saber de um dado critério, na perspectiva de checar se o aluno atendeu ou não, evidenciando-o ou não em seu texto.

Por fim, Gomes (2019) reconhece a importância da grade de correção ser empreendida pelo professor junto com os alunos que atende e que, para cada gênero de texto, ela seja revista, a julgar que há marcas ou características que diferenciam um texto do outro (Serafini, 2003). Posto isso, a grade a ser usada na revisão com o desígnio de orientar a reelaboração do texto de uma notícia, não servirá para uma carta de leitor, a julgar que são gêneros diferentes.

Nos caminhos da pesquisa: considerações metodológicas

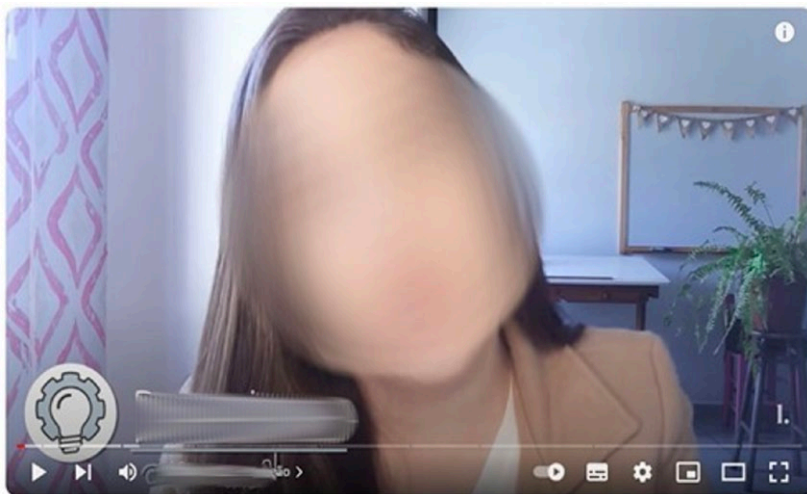
Este estudo se articula à pesquisa netdocumental (Sales, 2014), visto que os pesquisadores se serviram de um ambiente virtual com o objetivo de observar práticas culturais por meio de um recurso tecnológico a exemplo de um *notebook*. Assim, ao discutirmos sobre orientações para a correção de textos provenientes da esfera digital, buscamos entendimento para que tal prática pedagógica receba outros rumos, levando em conta o que se faz, compenetrado no que precisa ser realizado no que toca à revisão e refazimento de textos na sala de aula.

A sua realização se fundamentou no que discorre a pesquisa qualitativa, a julgar que se efetivou a partir de um recurso digital equivalente à linguagem. Desse modo, a sua atenção frisou o caráter subjetivo do objeto, dando condições para que os pesquisadores interpretassem os dados obtidos, dissociando-se de finalidades quantitativas, partindo do pressuposto de que as suas intenções se voltaram para o processo ao invés do produto (Prodanov; Freitas, 2013).

Importa ainda sublinhar que a pesquisa em abordagem se associa às noções teóricas da Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2006), levando em consideração que se descreve uma proposta de ensino e aprendizagem, objetivando responder a um problema no qual a linguagem se destaca. Em decorrência, portanto, pretende alcançar um entendimento da realidade (Paiva, 2019).

O objeto de análise foi uma videoaula. Tal instrumento de pesquisa é composto de um tempo de duração formado por 8min23s e está disponibilizado na plataforma *Youtube*, cujo acesso se dá por meio do *link* <https://www.youtube.com/watch?v=1Up643PWii0>. Denominada *Como corrigir sua própria redação*, a videoaula é ministrada pela professora Luma, proprietária do blog Luma e ponto, e já contou com 30.268 visualizações. Para registro, apresentamos logo após imagem correspondente a um dos momentos que compõem a referida ferramenta.

Fig. 1 – Videoaula Como corrigir texto



Fonte: Youtube, 2024. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=lUp643PWio>. Acesso em: 10 jun 24

A videoaula em abordagem integrou o material utilizado pelos acadêmicos do curso de Letras-Português, de uma universidade pública do Estado da Paraíba, para responder a uma atividade na disciplina de Leitura e Escrita: Teorias sociointeracionistas. A estrutura da questão continha o enunciado, sucedido pela identificação e apresentação de dois textos para que os alunos realizassem uma prática de correção. Para isso, eles deveriam optar por um ou mais tipo de correção que julgassem necessário(s) com a finalidade de que houvesse a compreensão, bem como a evolução em relação aos erros cometidos pelos estudantes, autores das redações.

O *corpus* para estudo, análise e reflexão derivou-se das técnicas de ensino e conhecimentos do gênero dissertativo-argumentativo explanadas nas orientações didáticas repassadas na videoaula “Como corrigir sua própria redação”. Para tanto, assistimos a videoaula, catalogamos as instruções repassadas pela professora em dois grupos *técnicas*

de ensino e conhecimentos do gêneros de texto dissertativo-argumentativo e elegemos a análise linguística como objeto de pesquisa, centrando, desse modo, as nossas análises e discussões focados na apresentação das contribuições do presente estudo.

Na próxima seção, apresentamos a descrição da videoaula complementada por discussões, articulando, desse modo, o que propõe tal recurso com as considerações teóricas sistematizadas para a correção de textos. Assim, aguardamos contribuir com a etapa de revisão e reelaboração de texto em sala de aula, prática ainda centrada no professor, de forma que se alimenta a ideia de que ao aluno cumpre o papel de somente escrever. Além dos mais, apontar outros encaminhamentos para a formação docente com olhar voltado para suas ações de ensino e aprendizagem.

Videoaula: descrição de uma proposta para a correção de textos

A videoaula se inicia com a professora Luma cumprimentando os internautas *Alô, pessu!* que, eventualmente, acessarão compenetrados em assimilar o seu conteúdo, bem como se identificando *Profe Luma Madoff Ofling* e apresentando o objeto de conhecimento a ser instruído *Dicas de revisão e reescrita de redação*. Antes de explanar o assunto, ela ressalta a sua importância, tendo em conta, sobremaneira, a situação de estudantes que não dispõem de alguém que possa ler e corrigir o seu texto, cabendo-lhe o papel de realizar as duas práticas.

A primeira dica *Corrija a gramática* sugere que o aluno digite o seu texto e coloque no *Word* ou outro aplicativo que disponha de corretor ortográfico, pontuação e concordância, de modo que atenda à Competência 1 avaliada, convencionalmente, na redação do Enem. Todavia, a

professora não dispensa que antes o aluno escreva no papel, a julgar a importância de tal exercício.

A segunda dica *Revise depois de um tempo* ressalta a importância do aluno não revisar e corrigir a sua redação concomitantemente a sua produção. Para a professora Luma, esse procedimento não contribui para que se identifique as falhas que, possivelmente, o texto apresente, visto que foi produzido em um curto tempo que está sendo corrigido. Ela orienta que se deixe o texto de lado ou se desenvolva outros textos para que em um tempo maior, volte-se a eles com o propósito de revisar e refazê-los.

A terceira dica *Leia redações nota mil* motiva o desenvolvimento de propostas de texto aplicadas em edições passadas do Enem, além de sua comparação com redações que obtiveram nota máxima. Essa prática poderá auxiliar o aluno a detectar aprendizagens consolidadas, bem como em processo no que toca aos conhecimentos equivalentes ao gênero de texto dissertativo-argumentativo.

A quarta dica *Troque redações com colegas* recomenda o envio de redações para outra pessoa ler e corrigi-las. Para isso, o aluno pode recorrer a amigos, pessoas da família que já participaram do Enem, bem como a grupos de *WhatsApp* ou *Facebook* que dispõem de voluntários que oferecem esse serviço. Nas palavras da professora Luma, contar com o olhar do outro torna-se fundamental no processo de escrita de um texto.

A quinta dica *Tenha um checklist* discorre sobre a importância de o estudante olhar para a sua redação a partir de uma lista de conhecimentos que o seu texto deverá apresentar. Com essa finalidade, a docente faz referência a um *checklist* que elaborou e forneceu aos seus alunos, além dos inscritos de seu canal, atendendo, dessa maneira, aos seus pedidos. O recurso define conhecimentos que movimentam as

cinco competências que se deve dominar, assim como desenvolver no ato da elaboração da redação.

A sexta dica *Tracckee a sua nota* sublinha a importância de se registrar o desempenho obtido mediante as correções de textos realizadas. Em vista disso, o aluno emitirá uma tabela, por exemplo, em que anotará não somente as suas notas por competências, mas também o que já assimilou e precisa aprender para atingir totalmente o que se espera em cada uma.

A sétima e última dica *Conheça as competências* propõe que o aluno aprenda quais são as competências que o Enem cobra e espera que ele atenda em seu texto. Sendo assim, a professora Luma pede que o aluno pesquise e assimile os conhecimentos que precisa dominar e empregar em seus textos, sendo essas relacionadas às capacidades estipuladas para a redação do processo seletivo de que se fala.

Por último, expressa o desejo de ter contribuído com os estudantes, principalmente, os que se encontram em exercício com foco na produção da redação do Enem. Além do mais, coloca-se à disposição para expandir, assim como repassar outras contribuições que possam ser aplicáveis no processo de elaboração e reelaboração do texto dissertativo-argumentativo.

Descrita a videoaula, observa-se que a professora Luma traz em relevo o pensamento de que a correção de texto deve contar com a participação, primeiro, de quem escreve (Geraldí, 1984; Reinado, 2001; Serafini, 2003; Arcoverde; Arcoverde, 2007), considerando a relevância de essa fase, que compõe o processo de escrita de um texto, ser assumida por ele. Isso não dispensa a leitura, a intervenção, o olhar do outro, como assim ela propôs na dica, especificamente de número 4. Nessa senda, para isso, quem escreve deve ter clareza se a pessoa para quem possa

endereçar o seu texto tem condições de prestar esse serviço, aguardando as suas contribuições com foco em sua revisão e reescrita.

As dicas 2, 6 e 7, além da dica 4 que antes se discutiu, aparentam ser mais metodologias a serem aplicadas em função da correção de um texto, o que não se repete nas dicas 1, 3 e 5, visto que nessas, o aluno encontra orientações mais concretas para que possa se apoiar durante o estágio de leitura e revisão de seu texto, objetivando a sua reelaboração. O *checklist* retoma a grade de correção (Abaurre; Abaurre, 2012; Gomes, 2019), visto que detalha os diferentes conhecimentos que o aluno deverá observar se escreveu, cumpriu em seu texto. Assim, faz-se necessário que tal recurso seja não apenas disponibilizado, mas discutido com os estudantes; somente assim eles poderão ter uma clareza mais aprofundada para que utilize-o, levando em conta a finalidade com o qual foi construído.

Quanto às dicas 1, 2, 3, 4 e 5, reconhece-se ainda que estas poderão ser aplicadas com foco no desenvolvimento de qualquer produção textual, mas de forma adaptável, uma vez que fica óbvio como elas se direcionam para o texto dissertativo-argumentativo, gênero comumente escrito no Enem. Sendo assim, o aluno pode ser orientado para digitar o seu texto e aplicar o corretor do *Word* a fim de identificar “falhas” de ordem gramatical; deixar para ler, revisar e reescrever o seu texto em um tempo diferente e não linear ao que escreveu o seu texto; ler textos relacionados ao gênero que escreveu a fim de checar, principalmente, se atendeu aos conhecimentos que o texto-espelho apresenta; pedir para alguém ler e corrigir o seu texto; dispor de um *checklist* que, de verdade, contenha os conhecimentos acoplados ao gênero que escreveu.

No que toca ao emprego do corretor do *Word* ou outro aplicativo na correção de aspectos linguísticos de um texto, a exemplo dos citados na videoaula (ortografia, pontuação e concordância), considera-se a

relevância do aluno recuperar conhecimentos disponibilizados no dicionário e na gramática; as alterações que possa efetivar por meio de tal ferramenta, ocorre de forma automática, impensada. Assim, por meio do primeiro, ele identificará a grafia de palavras que tenha grafado indevidamente e da outra, para recuperar regras de pontuação, assim como de concordância verbal e nominal. Portanto, os conhecimentos linguísticos serão mobilizados em função do uso da língua, rompendo assim com estudos descritivos, cujo emprego dado ainda ocorre para a resolução de exercícios mecânicos.

Em complemento, tratando-se de uma atividade que foi confeccionada para ser aplicada em um curso de formação de futuros professores de Língua Portuguesa, espera-se que os discentes tenham enxergado na videoaula descrita uma possibilidade de contribuir na produção de outras atividades, elegendo para isso as dicas, mas adaptando-as antes. Outro aspecto é separar técnica de objeto de conhecimento, visto que as dicas 1, 3 e 5 destacam-se em detrimento das demais com orientações singulares no que toca à aplicabilidade que possa ser efetivada em função da revisão e reescrita de um texto, de maneira que as demais servem de caminho para se chegar às práticas em discussão.

Por fim, no que concerne às dicas que o acadêmico em formação poderá se apoiar para corrigir as duas redações apresentadas na atividade, destacam-se as três dicas citadas, pois elas evidenciam conhecimentos inerentes as cinco competências que se aguarda do gênero dissertativo-argumentativo com o objetivo de se alcançar a nota máxima. Todavia, defende-se a ideia de que o *checklist* com conhecimentos de qualquer gênero de texto seja construído com a participação do tanto do professor quanto do aluno, além do mais que ele seja motivado a utilizar não apenas na etapa de revisão e reescrita de um texto, mas na fase da produção inicial. Assim, atenderá ao que se espera de seus textos já na fase de sua elaboração.

Concluindo a conversa, por hora...

No presente estudo, refletiu-se sobre a correção de textos a partir do tratamento dado a uma atividade aplicada na formação inicial de professores, o que possibilitou a identificação de instruções de ensino e aprendizagem fornecidas em uma videoaula com foco na avaliação de textos. As instruções de ensino foram repassadas a partir de sete dicas, sendo distribuídas entre técnicas de estudos *Dicas 2, 4, 6 e 7* e conhecimentos do gênero de texto dissertativo-argumentativo *Dicas 1, 3 e 5*, de maneira que esses últimos se reportam para conhecimentos linguísticos e textuais. As dicas são apresentadas no desejo de formar no aluno o pensamento de que a revisão deve ser por ele assumida.

A prática de análise linguística recomendada na dica 1 enaltece o texto como unidade de ensino; no entanto, não leva o aluno a refletir e atuar sobre o sistema linguístico, articulando-se assim à elaboração de seus textos. O aluno é motivado a fazer usos de aplicativos que deem conta não apenas das falhas de ordem gramatical, mas que apontem as mudanças necessárias que deverão ser operadas no texto. Dessa maneira, os conhecimentos de natureza gramatical são trabalhados em função do uso da língua superficialmente pelo fato dele não ser encaminhado para pesquisas a fim de consultar, por exemplo, a grafia de palavras em dicionários e regras de pontuação e de concordância em gramáticas, durante os momentos de revisão, objetivando a reelaboração de seus textos.

Atividades que mobilizam práticas de ensino e aprendizagem que, certamente, serão retomadas em sala de aula, ver-se como plausíveis, assim como fundamentais. No entanto, reconhece-se que essas tragam em evidência as noções teóricas estudadas, por exemplo, sobre correção. A videoaula não dá conta de conceito e tipos de correção, assim

como não traz de forma mais concreta os conhecimentos que um gênero de texto deverá apresentar, o que deve ser visto e considerado na revisão e, logo após, na reescrita de um texto.

Nesse sentido, o acadêmico que fundamentar a resolução de sua atividade à luz, apenas, das dicas que a videoaula descrita propõe, sem fazer relação ao que os teóricos elencam para as ações de ensino e aprendizagem de revisão e correção de textos, tende a não fazer as alterações que julgar necessárias em função de sua prática pedagógica. A proposta de um *checklist* ver-se como ideal para nortear a revisão e reescrita de um texto; porém, o professor precisa saber qual o papel dessa ferramenta, além de que a usada para um gênero poderá não servir para outro, visto que os conhecimentos de um e outro são diferentes. A professora Luma foca apenas no gênero dissertativo-argumentativo, havendo a necessidade de o aluno em formação ser direcionado para a importância de sua adaptação com olhar voltado para a produção de *checklists* que balizem a correção de outros gêneros.

Por fim, considerando a pergunta de pesquisa *O que as instruções de ensino e aprendizagem apontam para a prática de correção de textos escolares na formação inicial de professores de Língua Portuguesa?*, reconhecemos os encaminhamentos que a videoaula analisada e discutida apresenta para auxiliar as etapas de revisão e reelaboração de um texto. Em consequência disso, ressaltamos a relevância da continuidade dos estudos a partir de pesquisas mais recentes que abordem a temática em abordagem. Ademais, motivamos o empreendimento de outras investigações que tenham a revisão e a reescrita como pontos centrais da discussão, ora para a formação docente, ora para as ações de ensino e aprendizagem promovidas pelos professores que atuam na educação básica, meramente no ensino médio na preparação de alunos para a redação do Enem.

Referências

- ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M. *Um olhar objetivo para produções escritas: analisar, avaliar, comentar*. São Paulo: Moderna, 2012.
- ARCOVERDE, Maria Divanira de Lima; ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima. *A escrita como processo*. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007.
- ARCOVERDE, Maria Divanira de Lima; ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima. *O ato de escrever: perspectivas teóricas*. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007.
- GERALDI, João Wanderley. Escrita, Uso da Escrita e Avaliação. In: GERALDI, João Wanderley (org). *O texto na sala de aula*. 4ed. Cascavel, ASSOESTE, 1984.
- GOMES, R. N. *A didatização do gênero carta de leitor com foco na interação: uma proposta de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa*. 210 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Currais Novos-RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2019.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (org.). *Por uma linguística aplicada interdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 85-105.
- PAIVA, V. L. M. O. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2019.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- REINALDO, Maria Augusta G. de Macedo. A Orientação para a Produção de Texto. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (or-

gas). *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001. p. 87-100.

RUIZ, Eliana Donaio. *Como corrigir redações: uma proposta textual-interativa*. São Paulo: Contexto, 2010.

SALES, S. R. Etnografia + netnografia + análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em educação. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. *Metodologias pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

SERAFINI, Maria T. *Como Escrever Textos*. Tradução de Maria Augusta Bastos de Mattos; adaptação Ana Maria Marcondes Garcia. 11ed. São Paulo: Globo, 2003.

Recebido em: 29/09/2024

Aprovado em: 10/12/2024

Licenciado por

